

Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo

Associations and politics militancy of Italians in Minas Gerais in First Republic: a comparative look

Luigi Biondi *

Artigo recebido e aprovado em outubro de 2008

Resumo:

O artigo apresenta o desenvolvimento da militância política dos imigrantes italianos em Minas Gerais nas três principais vertentes, republicana, socialista e anarquista e utilizando um enfoque comparativo com o caso do Estado de São Paulo, com o qual os centros mineiros com expressivas comunidades italianas interagiam constantemente. É utilizado, assim, o conceito de rede política migrante, apontando as diferenças e semelhanças entre Minas e São Paulo na expressão político organizativa dos imigrantes italianos, entre o associativismo expressamente político e o étnico mutualista e de lazer. Dentro desta análise foram abordadas também as questões do socialismo étnico-nacional e da relação destes militantes com o mundo sindical, na construção do movimento operário brasileiro, e de uma identidade transnacional e de classe. Foram também destacadas as trajetórias de alguns militantes principais que atuaram ao mesmo tempo em Minas Gerais e São Paulo, tentando compreender

* Luigi Biondi se formou na Università degli Studi di Roma "La Sapienza" e é Doutor em História Social pela Unicamp. Atualmente é docente de história contemporânea da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Desde sua formação tem como centro de sua análise histórica o tema da emigração italiana nas Américas, dentro do qual focalizou várias temáticas: a participação dos trabalhadores italianos nos movimentos operários, suas várias formas de organização e sociabilidade, a militância política, a formação das identidades nacionais e das culturas de classe. Sobre estes temas publicou vários trabalhos, entre os quais os mais recentes são: *Desenraizados e integrados. Classe, etnicidade e nação na atuação dos socialistas italianos em São Paulo (1890-1930)*. *Revista Nuevo Mundo - Mundos Novos - Mondes Nouveaux*, [da École des Hautes Études en Sciences Sociales] n. 7, 2007; *Le quartier que j'admire le plus, c'est Bom Retiro: l'archipel tropical urbain des Petites Italie de São Paulo (1880-1940)*. In: BLANC-CHALEARD, Marie Claude. *Les Petites Italies dans le monde*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007, pp. 105-119; Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil. *História do Anarquismo no Brasil, vol. 1*. AARÃO REIS FILHO, Daniel e DEMINICIS, Rafael (org). Mauad-EdUFF, 2006.

como se situavam dentro do panorama militante estudado e como a experiência mineira, em particular, contribuiu para a elaboração de sua cultura e visão política.

Palavras-chave:

Imigração italiana; associativismo; movimento operário

Abstract:

The article presents the development of political militancy of Italian immigrants in Minas Gerais in the three main strands, republican, socialist and anarchist and using a comparative approach to the case of São Paulo state, with which the mining centers with expressive Italian communities interacted constantly. It is used, thus, the concept of network migrant policy, pointing out the differences and similarities between São Paulo and Minas expression in the political organization of Italian immigrants, specifically partnerships between the political and ethnic mutual and leisure. Within this analysis were also addressed the issues of ethnic-national socialism and the relationship with the world of militant trade union in the construction of the Brazilian labor movement, and a transnational identity and class. It has also highlighted the trajectories of some leading militants who acted while in Minas Gerais and São Paulo, trying to understand how remained inside the militant scene and studied how the experience of Minas in particular, contributed to the development of their culture and political vision.

Keywords:

Italian immigration; associationism; worker's movement

O panorama migratório mineiro no contexto dos fluxos internacionais de trabalhadores vindos da Europa para o Brasil não diferiu muito do chamado “modelo paulista”: notável prevalência de imigração subsidiada para a lavoura (principalmente a cafeicultura), altíssima porcentagem da componente italiana, presença substancialmente majoritária de famílias migrantes de proveniência rural, alocação da mão-de-obra sobretudo em fazendas de particulares e minoritariamente em núcleos coloniais organizados pelo Estado. Assim como em São Paulo, os imigrantes eram direcionados num primeiro momento à hospedaria, onde os imigrantes seriam contratados e depois realocados nas respectivas áreas rurais, embora em Minas houvesse diversos destes centros, sendo que as principais hospedarias estavam localizadas na parte meridional do Estado¹.

¹ As hospedarias eram as de Juiz de Fora (Horta Barbosa), Belo Horizonte, Estação de Vista Alegre, Estação da Soledade. A principal foi por muito tempo a de Juiz de Fora, onde foi centralizada a imigração nos anos de seu auge.

Dito isto, a grande diferença em relação aos vizinhos paulistas residiu nos números e na distribuição no território. Entre 1894 e 1897, quando no Estado de Minas Gerais vigorou a política da passagem subvencionada, via acordos entre o Estado (que financiava quase completamente a viagem e montou as hospedarias), os fazendeiros e empresas italianas que através de uma rede de agentes arregimentavam e endereçavam os emigrantes para Minas, entraram no Estado cerca de 51.000 italianos, num total de cerca de 62.000 imigrantes². A partir de 1898 e até os primeiros anos do século XX, os fluxos migratórios internacionais para Minas se reduziram substancialmente e a imigração italiana parou em torno das 3.000 pessoas. O fechamento das hospedarias de Soledade (1898) e de Juiz de Fora (1902) declarou a retirada de Minas do panorama imigratório transcontinental; a partir daí começa uma história de migrações internas, dentro do Estado e deste para os outros do sudeste, que inicialmente envolveram, sobretudo, os estrangeiros recém chegados. Entre retornos à Itália e mobilidade interna, os italianos residentes em Minas giravam em torno dos 60.000 indivíduos nas primeiras décadas do século XX³.

Diferentemente do caso paulista, a distribuição dos imigrantes no território estadual, foi em Minas muito mais concentrada: os estrangeiros se fixaram quase exclusivamente na região sul do Estado, na zona da mata, na região que tem como centros principais Barbacena e São João del Rei, e mais tarde nas áreas de Uberaba e da nova capital, Belo Horizonte. Por todas estas características, pode-se afirmar que houve então, grosso modo, uma tripartição regional do espaço imigratório, que se refletiu na formação e atuação política dos italianos imigrados: a) o sul de Minas, que podia ser considerado, pelo menos até o fim da Primeira República, uma enclave paulista; b) a região da mata, que era muito parecida, pela sua configuração social e econômica, com o Estado de São Paulo, mas cujas relações se davam mais intensamente com o Estado do Rio de Janeiro e a Capital Federal; c) o centro em expansão de Belo Horizonte, para cuja construção os trabalhadores italianos deram um aporte substancial, com muitas semelhanças com a inserção dos imigrantes na capital paulista, feitas, porém as devidas ressalvas e proporções, uma vez que Belo Horizonte foi por anos um pequeno centro, com um grau de industrialização certamente menor que o pau-

² TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel, 1989. pp. 100-102 e BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Imigração e família em Minas Gerais no final do séc. XIX. *Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Ouro Preto, 4 a 8 de novembro de 2002. p. 9, <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_His_ST4_Botelho_texto.pdf>.

³ TRENTO, Angelo. *Op. cit.* pp. 100-102.

lista, ligado debilmente às regiões mais longínquas (e mais povoadas) do Estado, enquanto a relação de São Paulo com o interior (e, como dissemos, com as regiões limítrofes de Minas) era muito mais intensa.

Todavia, em Belo Horizonte, os imigrantes italianos, mais do que em São Paulo, constituíram desde o início um núcleo consistente formado por comerciantes, técnicos, artesãos, operários qualificados e pequenos empresários, prevalecendo de forma esmagadora no setor da construção, que na época, é importante lembrar, tinha um grau considerável de qualificação. Estas figuras sociais, sobretudo artesãos, operários qualificados, carpinteiros e pedreiros se destacavam, normalmente, entre os principais organizadores sindicais e militantes políticos e assim foi também na Belo Horizonte em construção do início dos 1900. Finalmente, a componente italiana entre os estrangeiros de Belo Horizonte foi superior à presente respectivamente em São Paulo, refletindo uma maior tendência à urbanização da imigração italiana em Minas em relação a São Paulo e a outros estados, embora as autoridades da época tenham destacado que mais de 70% dos imigrados foi trabalhar inicialmente nas fazendas de café e somente 13% destes se dirigiu diretamente aos centros urbanos⁴. Ainda assim, a componente urbana dos imigrados foi aumentando consideravelmente, num processo de inserção urbana profundo e constante, que caracterizou os centros mineiros em volta dos quais residia a população imigrada rural. Segundo o consulado italiano, em 1913 mais de um terço dos imigrantes patrícios residia em centros urbanos⁵, enquanto que em São Paulo vilas e cidades absorveram *cerca de 1/3* dos imigrantes italianos até a primeira década do século XX⁶. Certamente, neste contexto, a fundação de Belo Horizonte (1894-1897) desenvolveu um papel dinâmico e acelerador no abandono das fazendas e dos núcleos coloniais, coincidindo com o abandono, em 1897, da imigração subsidiada e voltada para o setor primário.

Esta consistente e progressiva inserção no mundo urbano teve como resultado também um certo protagonismo político e até uma precocidade na formação de agremiações étnicas mutualistas e de grupos políticos de esquerda que se ligavam, sobretudo através da imprensa de língua italiana, aos da rede nacional de comunidades ítalo-brasileiras, cujo centro era São Paulo. É suficiente percorrer as páginas dos principais periódicos políticos e operários publicados em São

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem. Ver também AMBASCIATA D'ITALIA. *Presenza italiana in Brasile*. Cenni sulle collettività. São Paulo: ICIB-Istituto Italiano di Cultura, 111-114 e o clássico de CENRI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo; Edusp, 2003 (3ª ed.). pp. 188-191.

⁶ TRENTO, Angelo. *Op. Cit.* p. 124.

Paulo a partir de 1895 e durante toda a Primeira República, para se dar conta desta ligação e da ativa presença ítalo-mineira. Subscritores das mais variadas listas de apóio a manifestações, petições e projetos; assinantes, correspondentes, e finalmente participantes, uma vez que estas redes se baseavam também em contatos pessoais e numa mobilidade interna, interestadual, de certo porte, contrariamente ao que geralmente se pensa por causa da influência de um certo mito da imobilidade interiorana dos imigrantes italianos.

Certamente, no caso das cidades como Poços de Caldas e os centros menores da região sul a ligação com as cidades paulistas, Campinas, Jundiá e São Paulo, em particular, era tão intensa em todos os aspectos da vida, que é corriqueiro considerá-las parte da rede paulista da militância política. Poços, especialmente, atraiu centenas de famílias italianas que antes tinham migrado para as regiões circunvizinhas do Estado de São Paulo⁷. Como narrou Antônio Candido, ajudado pelas lembranças de Teresina Carini Rocchi, numa obra que é considerada um clássico para os estudos da militância política italiana no Brasil, a comunidade italiana de Poços de Caldas era intensamente ligada a São Paulo, sobretudo à capital, tornando-se, desta forma, quase um *buen retiro* de muitos militantes socialistas e anarquistas originários da península itálica⁸. Somente por volta da passagem da Primeira para a Segunda República é que os componentes desta comunidade começam a interagir mais com o espectro político mineiro, como veremos no caso importante de Fosco Pardini.

Mais complicado é compreender de que modo funcionavam as relações entre as várias comunidades italianas das regiões de Minas nas quais os imigrantes se instalaram, isto é, entender como elas interagiam entre si, sobretudo no plano político e organizativo. Prevalece, todavia, uma relação frágil, com as comunidades voltadas mais para o centro paulista, o que reforça a idéia da constituição de uma ilha étnica italiana em forma de rede, cuja área central era o Estado de São Paulo, à qual as diversas regiões ou centros satélites estavam ligados: entre estas, as três regiões mineiras de imigração italiana que evidenciamos, considerando, porém, que o sul de Minas podia efetivamente ser considerado como parte integrante da própria área central paulista. Estas ligações, voltadas mais para um diálogo Minas – São Paulo e muito menos entre as comu-

⁷ Para a composição social e regional dos imigrantes italianos em Poços me remeto a uma fonte muito interessante, que traz um bom panorama informativo da genealogia e da vida cotidiana da comunidade italiana: SEGUSO, Mario. *Os admiráveis italianos de Poços de Caldas, 1884-1915*. Poços de Caldas, s.d.

⁸ SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1980.

nidades italianas mineiras, sugere uma integração política lenta na sociedade brasileira. Por causa disso, pelo menos durante duas décadas a partir do início da imigração de massa, prevaleceram clivagens políticas originadas do debate e das experiências italianas, que, embora revistas e adaptadas no Brasil aos diferentes contextos locais e ao nacional, ainda assim permaneceram ligadas a uma matriz própria, italiana. Por outro lado, os movimentos e as tendências que inspiravam os imigrantes italianos politizados tinham uma correspondência internacional e se encaixavam, como é sabido, nos processos de organização e de expressão dos trabalhadores da Europa e de boa parte das Américas. Todavia, na concretude das formas organizativas, na expressão dos conteúdos, nos temas debatidos, a veia européia, e, sobretudo italiana (às vezes também a regional italiana) era evidente. Acompanhavam-se modelos “importados”, se traziam para o Brasil debates nascidos e desenvolvidos na Itália, muitas vezes vivenciados pessoalmente no país de origem pelos próprios imigrantes antes de partir. Como participantes de um debate internacional, estes imigrantes dialogavam mais e se reconheciam, sobretudo, numa comunidade italiana diaspórica transnacional, o que proporcionava relações mais freqüentes com o mundo da imigração da província de Buenos Aires ou do estado de Nova Jersey, por exemplo, do que a tentativa de atuar dentro da configuração política brasileira nacional ou de interagir com contextos sociais regionais, como Bahia ou o sertão mineiro, por exemplo, nos quais a presença italiana era nula ou extremamente rarefeita.

Efetivamente, o horizonte geográfico e politicamente referencial dos imigrantes italianos, quando agiam como militantes ou como trabalhadores organizados, seja num dia de greve, seja por anos a fio na construção de um movimento operário estruturado, continuou sendo por muito tempo o da Itália e o do território heterogêneo, às vezes contínuo, mais freqüentemente filiforme, mas sobretudo na forma de um arquipélago de redes, formado pelas comunidades de patrícios imigrados nas Américas e em alguns países europeus, pelo menos por mais de duas décadas após o início da primeira grande vaga de imigração em cada país de acolhida. Certamente, é preciso dizer que a esta dificuldade em abandonar o próprio referencial nacional (que, ao mesmo tempo, era também transnacional), se associava também, por isso mesmo, talvez, uma facilidade em estabelecer relações, redes e, portanto, também formas organizativas, dentro da própria comunidade, que obedeciam a lógicas relacionais internas, do grupo nacional. O motivo disso residia, a meu ver, na presença massiva, sobretudo em termos proporcionais, de italianos, que em muitas e nevrálgicas áreas da Argentina pampera e mesopotâmica, e do Brasil meridional e do sudeste, constituíam amplos estratos da população trabalhadora.

Estes aspectos da imigração italiana até agora apontados nos levam à utilização de conceitos como o de “socialismo étnico”, já utilizado pela Vezzosi para o caso Estadunidense e por mim para o caso brasileiro (paulista)⁹. Assim como podemos falar, considerando também as últimas análises de Benedict Anderson, de “anarquismo étnico”¹⁰. Os mesmos argumentos possibilitam também a indagação da constituição de uma identidade de classe étnica, na tentativa de estabelecer, talvez, uma coincidência identitária entre a origem nacional e o ser trabalhador, uma espécie de mito étnico trabalhista que em São Paulo, por exemplo, parece ter fincado certas raízes entre os italianos¹¹.

As atividades militantes e politicamente participativas de muitos imigrantes italianos em Minas têm que ser compreendidas, portanto, dentro deste contexto migratório.

No caso específico mineiro pode-se até arriscar a hipótese de uma certa precocidade e intensidade na participação na construção do mundo associativo dos imigrantes, provavelmente por uma maior presença urbana, ainda que de pouco superior, em termos proporcionais, em relação ao caso paulista, que também vivenciou, como sabemos, uma progressiva urbanização dos italianos entre 1885 e a década de 1920. Embora se trate de realidades urbanas certamente menores em relação às paulistas, as de Minas eram proporcionalmente significativas no que se refere à presença italiana, isto é, mais rapidamente que em São Paulo, os imigrantes abandonaram sua inicial e prevalente colocação rural. A presença majoritária dos italianos entre os estrangeiros nos centros urbanos mineiros, teve também sua importância para desenvolver aquela auto-identificação do imigrante italiano com o trabalhador urbano e politizado, que, por sua vez, teve um papel fundamental na elaboração de um certo modelo de identidade nacional através da experiência da emigração no exterior (resumido no mito da

⁹ VEZZOSI, Elisabetta. *Il socialismo indifferente*. Immigrati italiani e Socialist Party negli Stati Uniti del primo Novecento. Roma: Edizioni Lavoro, 1991 e BIONDI, Luigi. Desenraizados e integrados. Classe, etnicidade e nação na atuação dos socialistas italianos em São Paulo (1890-1930). *Nuevo Mundo - Mundos Novos - Mondes Nouveaux*, Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, n. 7, 2007. <http://nuevomundo.revues.org/document3720.html>

¹⁰ ANDERSON, Benedict. *Under three flags*. Anarchism and the anti-colonial imagination. London-New York: Verso, 2005. Ver também, BIONDI, Luigi. Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista ‘La Battaglia’ e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos. *Cadernos AEL*, n. 8/9 (Anarquismo e Anarquistas), pp. 117-147.

¹¹ Sobre esta problemática da formação de uma cultura de classe étnica ver o clássico de ROEDIGER, David R. *The wages of whiteness*. Race and the making of American Working Class. London-New York: Verso, 2007 (2ª ed.).

Nação Proletária), assim como no processo de integração do italiano no contexto local¹². Outras nacionalidades, que, ainda que minoritárias estavam presentes em São Paulo, em Minas eram praticamente ausentes. Neste sentido, os italianos não sofreram nenhum tipo de competição por parte de outros estrangeiros nos principais setores do trabalho urbano, o que deve ter favorecido uma integração local, como estrangeiros e italianos, menos conflituosa e complexa da que aconteceu no caso paulista, favorecendo, aliás, um auto-reconhecimento como italianos mais sólido que em São Paulo, onde, sobretudo na capital, sofreram o peso das divisões regionais internas, em particular nos primeiros anos, aspecto que depois foi sendo substituído gradualmente por uma identidade nacional menos dividida.

As comunidades urbanas italianas de Minas não foram, porém, livres de conflitos políticos e de classe internos, assim como ocorreu para as de São Paulo e das outras tantas “ilhas” imigratórias italianas nas Américas e na Europa. Em Minas, aliás, onde, pela conformação mais modesta dos centros urbanos e pelas dinâmicas próprias do processo imigratório, os italianos eram proporcionalmente mais representados nos estratos mais qualificados dos trabalhadores urbanos, diferentemente de São Paulo (onde prevaleceram entre os trabalhadores desqualificados), a experiência de militância política e da participação no associativismo étnico foi notável.

Inseridos, portanto, num contexto transnacional dinâmico do final do século XIX e início do XX, no qual se difundiam uma série de experiências e de modelos de organização dos trabalhadores, que encontramos em quase todos os países europeus e americanos, também os imigrantes italianos em Minas começaram a agregar-se e a dividir-se segundo tendências e modos parecidos, nos quais prevaleciam, claramente, os modelos italianos.

Segundo uma tripartição consolidada, também em Minas foram presentes desde os primórdios da imigração, grupos e sociedades compostas por italianos de tendência anarquista, socialista ou republicana,

¹² O mito da Itália Nação Proletária se difundiu a partir do fenômeno emigratório de massa dos italianos e portanto se estruturou entre o fim do século XIX e as duas primeiras décadas do XX. Com este mito se justificou a retomada do, tardio, colonialismo italiano em 1911-12 e serviu como base ideológica do expansionismo fascista. O mito incorporava a tradição revolucionária italiana numa chave nacionalista. Ainda na década de 1930 o livro básico destinado aos alunos das escolas italianas difundia pensamentos como este: “Conheceste a fumaça das oficinas, a febre dos anarquistas, a longa, heróica, difícil história de um povo no exílio”, CARDARELLI, Vincenzo. *Camicia nera*. In: *Lecture classe quarta. Scuole italiane all'estero, 1933* apud SCARZANELLA, Eugenia (a cura di). *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005. p. V.

aos quais se acoplava a, muitas vezes primeira, experiência organizativa na construção de sociedades étnicas mutualistas, de beneficência ou culturais: freqüentemente, estas três características principais eram reunidas numa mesma sociedade, comumente chamada *Società Italiana di Mutuo Soccorso* (SIMS), ou *Società Operaia Italiana* ou, ainda, simplesmente *Società Italiana*. O modelo da SIMS é tão compartilhado como modo organizativo étnico principal, que, já no ano da fundação (1897) de Belo Horizonte, foi fundada por diversos operários e artesãos do local a *Società Operaia Italiana di Beneficenza e Mutuo Soccorso*, que mais tarde estará no meio das disputas políticas internas à comunidade, sendo ao mesmo tempo um fator de unificação identitária, mas também marcada por lutas intestinas que expressavam divisões políticas reais entre diferentes e conflitantes idéias de Itália. Também em Juiz de Fora, São João del Rei, Barbacena e Poços de Caldas, as SIMS se multiplicaram já desde o fim do século XIX.

Finalmente, a partir sobretudo da primeira década do século XX, aparece evidente o papel dos trabalhadores italianos de Minas na fundação e construção das ligas operárias, os primeiros sindicatos de ofício, que surgiram nas principais cidades, sobretudo em Belo Horizonte, Juiz de Fora e Poços.

É preciso falar um pouco das principais destas formas organizativas, identificáveis segundo modelos de grandes linhas ideológicas, fortemente calçados na experiência italiana, mas que, com exceção dos republicanos, radicais de origem *massimiana* (específicos do contexto italiano), tinham correspondências com o panorama político trabalhista internacional da *belle-époque*.

O anarquismo, neste período, estava superando a fase do nihilismo e da “propaganda do fato” (atentados e assassinatos de autoridades políticas significativas, chefes de estado, monarcas, etc.) para uma imersão maior no mundo do trabalho e uma estruturação de grupos libertários de natureza variada, os famosos ‘grupos de afinidade’, dedicados à propaganda, à imprensa, ao teatro e lazer e à organização de manifestações políticas, mas também na participação a ligas de ofícios e sindicatos¹³.

Para lá da experiência da Colônia Cecília no Paraná, os grupos anarquistas cuja composição era formada, sobretudo, por imigrantes italianos, começaram a se difundir no Brasil meridional e do Estados do sudeste desde o início da década de 1890, onde, em São Paulo,

¹³ Esta virada começou com a publicação do artigo de Errico Malatesta “Andiamo fra il popolo” no jornal anarquista italiano *L'art.* 248. 4 fev. 1894.

constituíram grupos consistentes a partir da segunda metade desta década. Além da emigração espontânea (pois a maior parte destes militantes tinha emigrado por motivos econômicos e não políticos), a repressão que se instalou na Itália com o governo Crispi em 1894 contra todas as organizações operárias (até as sociedades de socorro mútuo mais moderadas foram fechadas) e depois a que se intensificou em 1898, quando ocorreram levantes populares e embates entre manifestantes e exército em diversas regiões da Itália de norte a sul, intensificaram também a emigração política, que já existia como fluxo ininterrupto para o Brasil desde a época do *Risorgimento*¹⁴. Os governos europeus se reuniram freqüentemente nas décadas de 1890 e de 1900 para tentar frear esta onda de atentados, organizando uma rede internacional de espionagem, controle e repressão, pela qual era muitas vezes utilizada também a expulsão para o exterior dos militantes mais ativos. O Brasil era, com Argentina e Estados Unidos, um dos países de “importação” destes militantes radicais¹⁵. Passado o ano de 1900 (quando, na Itália, se alcançou o auge do movimento dos atentados, com o assassinato do rei Humberto I por parte de um anarquista toscano, Gaetano Bresci¹⁶, também em São Paulo o movimento anarquista freqüentado e animado pelos imigrantes italianos reforçou-se dedicando-se à maior participação nos sindicatos e na construção de uma miríade de grupos libertários de vários tipos, cujo fulcro foi por muitos anos a imprensa periódica anarquista de língua italiana, especialmente enraizada sobretudo a partir de 1904, com o jornal *La Battaglia*, redigido por três anarquistas originários da Toscana, Oreste Ristori, Ângelo Bandoni e Alessandro Cerchiai, mais tarde integrado por um importante militante anarquista, Luigi ‘Gigi’ Damiani. Se abriu assim a estação da expansão anarquista dentro do movimento operário paulista, que durou com intensidade até o início da década de 1920. *La Battaglia* se transformou em *La Barricata* e depois em *La Propaganda Libertaria* e finalmente sua herança foi recolhida por *Guerra Sociale*. Porém, podemos afirmar que o protagonismo anarquista foi decaindo a partir de 1912-14, embora uma parte da historiografia¹⁷ ainda hoje reivindique uma matriz anarquista na greve geral de 1917

¹⁴ Processo de unificação da Itália entre 1815 e 1870.

¹⁵ LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. *Pensiero e Dinamite*. Anarquismo e repressão em São Paulo nos anos de 1890. Campinas: 2006. Tese de Doutorado em História, IFCH. Unicamp.

¹⁶ O atentado foi organizado justamente entre trabalhadores italianos no exterior, no caso em Newark, NJ, Estados Unidos.

¹⁷ Ver, sobretudo, LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *A semana trágica: a greve geral de 1917*. São Paulo: Museu da Imigração, 1997.

em São Paulo, na qual, efetivamente, os grupos anarquistas citadinos tiveram um papel importante¹⁸.

Os socialistas italianos, que também, desde o final da década de 1890 se organizaram no Brasil meridional do sudeste e, claramente, sobretudo em São Paulo, também constituíram uma expressão notável da militância política e sindical dos imigrantes italianos e foram tão numerosos quanto os anarquistas. Por diversos anos, a partir de 1900, publicaram em São Paulo seu jornal, *Avanti!*, homônimo do órgão do Partido Socialista Italiano (PSI) na Itália e até 1909 este jornal foi diário. Após uma interrupção, devida em parte à desarticulação interna por causa do conflito entre “moderados” e “radicais” e em parte à repressão atuada pelo governo brasileiro, a publicação do *Avanti!* foi retomada, como semanário, entre 1914 e 1919. Depois, para eles também, começou um declínio e uma redução das atividades a pequenos grupos: os imigrantes, como sabemos, começavam a se sentir cada vez mais brasileiros e tinha começado um processo, progressivamente mais intenso, de afastamento da identidade nacional originária e sobretudo da Itália.

O problema fundamental para os socialistas italianos foi o de criar, também no Brasil, um correspondente do partido que eles integravam na Itália, o PSI. Em diversos momentos tentaram fazer viver um partido socialista brasileiro que participasse das eleições locais e nacionais, explorando a rede de grupos e simpatizantes socialistas espalhados nas regiões onde mais forte era a presença italiana, mas não conseguiram ir além do grupo nacional italiano, embora houvesse alguns militantes socialistas também na comunidade espanhola e sobretudo na alemã, e também entre os trabalhadores brasileiros mais qualificados. Porém, mais do que esta configuração étnica problemática - que podia ser superada, pois os italianos eram tantos entre os trabalhadores urbanos que por si só podiam sustentar a existência de um partido socialista, ainda que minoritário, voltado também para as eleições, pelo menos em São Paulo -, o problema residia no fato de que os imigrantes italianos recusavam a naturalização, o que impedia qualquer processo de concretização deste partido, uma vez que eram eles que constituíam sua majoritária base de apoio, embora alguns militantes de outras nacionalidades integrassem as mesmas organizações lideradas pelos socialistas italianos. Apesar desta situação de “socialis-

¹⁸ A meu ver, porém, este papel não foi predominante, no sentido que tem que ser complementado, tanto com a força espontaneista daquela greve, numa conjuntura de extrema pauperização, como com o papel e a ação organizativa, sobretudo no plano sindical e da dinâmica da greve, dos socialistas italianos e dos sindicalistas revolucionários, duas tendências, sobretudo a última, que caracterizaram fortemente a história do movimento operário no Estado de São Paulo durante a Primeira República.

mo étnico”, a rede construída pelos socialistas italianos em São Paulo e nos arredores foi por muitos anos importante e difusa. Além disso, entre 1900 e 1904, estes militantes foram os principais protagonistas da organização sindical em São Paulo. Embora muitos destes tenham passado depois para o sindicalismo revolucionário, uma boa parte dos trabalhadores socialistas que participavam ativamente dos sindicatos continuou tendo um papel de primeiro plano neste âmbito. Seja em 1906 e 1907, como em 1917, durante as principais greves que ocorreram no Estado de São Paulo, a participação de tantos militantes e líderes socialistas italianos foi notável¹⁹.

Um dos pontos de força, do ponto de vista organizativo, dos socialistas, e que possibilitou a continuação de sua existência por anos dentro do movimento operário, foi sua capacidade de transitar entre várias formas agremiativas, numa idéia de sociedade de trabalhadores que integrava grupos políticos, sindicatos e associações de vários tipos, inclusive as sociedades étnicas de socorro mútuo, que eram as associações dos imigrantes italianos onde se juntavam desde o pequeno empresário e comerciante até o operário qualificado²⁰.

Os republicanos italianos, que constituíam uma expressão política própria dos italianos, também não podem ser esquecidos. Com exceção de algumas regiões, como a Romagna ou o Lácio, berços do republicanismo mazziniano, estes estavam gradualmente em diminuição também na Itália, onde geralmente passavam para as fileiras do socialismo ou até do anarquismo a partir do fim do século XIX, quanto mais nas duas primeiras décadas do século XX. Porém, os militantes republicanos estiveram também presentes entre os imigrantes italianos, sobretudo no Brasil e na Argentina. Apesar deste perfil secundário, de sua postura crítica em relação ao proletariado operário como principal agente revolucionário e aos grandes sindicatos, todavia os republicanos foram por muitos anos entre os principais organizadores de associações políticas radicais e de sociedades de socorro mútuo, com participação também como lideranças em sindicatos de ofício e com uma certa difusão entre os trabalhadores mais qualificados e autônomos.

O republicanismo italiano, por seu anti-monarquismo popular, fazia a ponte entre o nacionalismo revolucionário dos oitocentos, o

¹⁹ BIONDI, Luigi. *Desenraizados e integrados*, op. cit.

²⁰ Esta atuação socialista, típica dos partidos ligados na época à Segunda Internacional, era chamada de socialismo integral, pois *integrava* várias formas de ação a partir da participação em diversos tipos de organizações de trabalhadores. O principal teórico deste socialismo orgânico foi o francês Benoît Malon (1841-1893). Ver BRIGUGLIO, Letterio. *Benoît Malon e il socialismo in Italia*. Padova: Tipografia Antoniana, 1979.

socialismo e o anarquismo, ainda simpático, diferentemente do republicanismo estabelecido da França e das Américas, a revoltas e insurreições e à crítica ao grande capital e fortemente caracterizado por um anti-clericalismo visceral²¹. Por estas suas feições, os republicanos italianos freqüentemente conseguiam agrupar em torno de batalhas democráticas os militantes de outras tendências, e sobretudo os socialistas, quanto mais no ambiente das comunidades imigradas, onde, por vários fatores, quais sejam a instabilidade destas mesmas comunidades pelos fluxos migratórios, as dificuldades no processo de integração na nova sociedade, agremiações étnicas e sindicais mais frágeis e com uma história mais conturbada, se tornavam um ponto de referência para o mundo militante, especialmente na década de 1890 e nos primeiros anos do século XX. Os grupos constituídos por republicanos podiam amparar outras organizações, as sindicais, por exemplo, em momentos de dificuldade e mediar em greves localizadas. Finalmente, quase todos eles eram maçons. Sua base era entre os artesãos, pequenos empresários, técnicos e operários especializados e sua postura anti-monárquica os tornava um elemento agregador dentro das associações étnicas em nome da oposição à monarquia, ao governo italiano e conseqüentemente ao consulado e aos membros da comunidade italiana que com eles se relacionavam e se identificavam. Por estas características os republicanos italianos se tornaram um tipo de militante muito difuso entre seus patrícios sobretudo nos pequenos centros urbanos dos Estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais²².

Finalmente, e brevemente, algumas palavras sobre o sindicalismo revolucionário. Ainda hoje confundido muitas vezes com o anarcosindicalismo ou sindicalismo de ação direta, foi uma tendência própria e autônoma dentro do movimento operário, e se destacou durante a Primeira República como o principal elemento animador do sindicalismo nos centros urbanos paulistas, sendo presente também em outros Estados e não de forma insignificante. Dada a sua origem ao mesmo tempo libertária e marxista, onde havia trabalhadores organizados que se reportavam a estas duas tendências, como era o caso das áreas de forte imigração italiana e ibérica, houve também a presença aglutinadora em torno de um projeto sindicalista revolucionário²³. Difuso quase

²¹ RIDOLFI, Maurizio. *Il partito della repubblica. I repubblicani in Romagna e le origini del PRI nell'Italia liberale (1872-1895)*. Milano: Franco Angeli, 1989.

²² BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)*. Campinas: 2002. Tese de Doutorado em História Social, IFCH/UNICAMP.

²³ O Sindicalismo Revolucionário recusava: a) o cepticismo dos anarquistas para com a luta de classe "cotidiana", as greves para as melhorias parciais e as hierarquias que se criavam

exclusivamente nos centros urbanos onde havia uma grande concentração de operários, o sindicalismo revolucionário não podia encontrar entre os trabalhadores italianos de Minas, por este motivo, o mesmo consenso que teve em cidades como Porto Alegre e, sobretudo, São Paulo, onde se formaram lideranças sindicalistas que foram grandes figuras de destaque do sindicalismo revolucionário também na Itália, como Alceste De Ambris, Edmondo Rossoni e Paolo Mazzoldi²⁴.

No final do século XIX, militantes e grupos políticos italianos residentes em Minas começam a aparecer na rede radical e trabalhista dos imigrantes italianos, cujo centro propulsor era São Paulo.

Entre as mais de 270 listas distribuídas para arrecadar dinheiro em prol das famílias de trabalhadores que tiveram vítimas na repressão de 1898 contra os levantes daquele ano, em particular os mortos e presos em Milão após a carga da cavalaria sobre um conjunto de populares em protesto²⁵, apareceram também as de Poços de Caldas e de Juiz de Fora, encabeçadas respectivamente por Giuseppe 'José' Solferini e Remo Chelini²⁶. Esta arrecadação de fundos foi organizada pela Lega Democrática Italiana, associação fundada em 1898 em São Paulo entre republicanos e socialistas com a intenção de se tornar o principal centro agregador da militância e dos vários grupos, associações e sociedades anti-monarquistas e democráticas²⁷. De fato, as listas de arrecadação foram publicadas no número único dedicado à uma contra-comemoração do dia nacional do Vinte de Setembro de 1870, data da anexação de Roma, a capital, ao Reino de Itália. Esta festa nacional era comemorada pelos italianos republicanos, socialistas e anarquistas, conjuntamente e autonomamente, em antagonismo às comemorações oficiais, destacando do evento os aspectos anti-monarquistas e anticlericais, considerando também que Roma tinha sido em

dentro da estrutura sindical pelo jogo entre maiorias e minorias (os anarquistas viam o sindicato como o principal espaço de propaganda, mas nenhuma greve era boa a menos que não se transformasse em geral e sobretudo em insurrecional); b) a junção partido-sindicato que era o *leit-motivo* do socialismo da Segunda Internacional. O Sindicalismo Revolucionário, sobretudo, acreditava numa futura sociedade socialista gerida pelos sindicatos. Para isso ver TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

²⁴ TOLEDO, Edilene. *Op. cit.*

²⁵ Os embates de Milão aconteceram em maio de 1898. A tropa foi comandada pelo general Bava Beccaris, por este motivo condecorado pelo rei Humberto I, fato que convenceu os anarquistas italianos que o monarca devia ser assassinado, como de fato foi em 1900.

²⁶ *XX Settembre*. Numero Unico pubblicato per cura della Lega Democratica Italiana di S. Paolo. São Paulo, 20 set. 1898, p. 2.

²⁷ O jornal mostra um número considerável de sociedades, associações e grupos que gravitavam em torno da Lega Democrática em 1898.

1848 uma das experiências republicanas radicais da Itália sufocada por uma dúplice reação da França e do Papado e a esta cidade, então, se ligava toda uma simbologia revolucionária, insurrecional, garibaldina e, como dissemos, anti-católica.

Até os primeiros anos do século XX, a *Lega Democratica* terá um papel fundamental entre os trabalhadores italianos imigrados, com uma atuação multifacetada, inclusive no âmbito sindical, pois foi a partir dela e dos jornais *Avanti!* e *Il Risveglio* (libertário) que foi estimulada (e até certo ponto coordenada) a formação de ligas operárias em São Paulo entre 1898 e 1901.

Em particular, a consistência da doação de Poços de Caldas (115 mil-reis), superior a muitas outras de São Paulo e uma das maiores em absoluto²⁸, indica que esta localidade já na época se evidenciava como a “pequena cidade socialista”, que assim foi retratada nas lembranças de Antônio Cândido²⁹, sobretudo considerando que até aquele ano residiam cerca de 190 famílias italianas no município³⁰. O despertar hoteleiro da cidade, que foi um dos motivos que favoreceram anos depois a escolha da localidade como “buen retiro” de antigos militantes socialistas (alguns dos quais trabalharam no complexo turístico que se consolidou nas décadas de 1910-20), ainda era incipiente. No fundo, Poços de Caldas era um centro muito parecido com alguns outros, do Estado de São Paulo, que também tinham na época taxas consideráveis de anarquistas, socialistas e republicanos. Os motivos devem ser procurados em dois aspectos principais, que não raramente se juntavam nestes centros: uma composição social heterogênea de pequenos proprietários rurais em volta da cidade, artesãos, operários especializados, comerciantes e pequenos empresários e a presença relativamente majoritária de imigrantes italianos provenientes da Toscana e da Emília-Romagna, regiões onde a militância política de esquerda era considerável. Foi o caso de Poços, onde os toscanos constituíam um dos principais grupos regionais de italianos, com certeza o maior dentro do perímetro urbano e na área rural semi-urbanizada circunstante³¹. Os imigrantes toscanos não somente eram presentes nas fileiras republicanas e socialistas (a sociedade de socorro mútuo que mais apoiou a Lega Democrática Italiana não por acaso foi a “*Società Democratica Toscana Galileo Galilei*”, de São Paulo, onde prevaleciam os sócios

²⁸ A doação de Juiz de Fora foi de quase 30 Mil-reis.

²⁹ SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *Teresina, etc.*, op. cit.

³⁰ SEGUSO, Mario. *Op. cit.*, pp. 175-179. Nesta época Poços já contava com a SIMS Stella d'Italia e com a Loja Maçônica Estrela.

³¹ Idem.

destas duas tendências), mas especialmente no campo anarquista eram os que prevaleciam de muito sobre todos os outros italianos.

Um dos principais anarquistas italianos que atuaram no Brasil, Alessandro Cerchiai, era justamente toscano e ligado a Poços, onde fixou inicialmente sua residência quando chegou ao Brasil. Ele nasceu em Pescia, na província de Lucca, em 1875, numa família que mais tarde emigrou para o Brasil, em 1892, acompanhando o fluxo migratório dos toscanos destes vilarejos para o sul de Minas³². Alessandro, porém, foi um dos membros deste núcleo familiar que emigrou mais tarde, após uma formação política considerável, que, porém, não era rara para os cidadãos destas regiões da Itália central e em particular na sua. A figura de Cerchiai³³ é interessante também porque ilustra a mobilidade política e geográfica dos militantes italianos e sua tramitação entre várias tendências políticas, processo que permite compreender, no caso examinado aqui da imigração italiana em Minas, também as peculiaridades destes pequenos centros, como Poços, onde conviviam experiências de militância variada, mas ligadas entre si pelo denominador comum de uma identidade nacional radical antagônica à monarquista e católica.

Alessandro, de fato, no rastro da tradição republicana revolucionária compartilhada pela sua família, deixou Pescia em 1897 para partir como voluntário na coluna “*La Filellenica*” (liderada por Amilcare Cipriani, ex-comunardo e ex-garibaldino) em solidariedade à rebelião cretense contra o império otomano. No mesmo período, fez parte do comitê de apoio ao candidato socialista à câmara dos deputados, Enrico Ferri, que se apresentava na região eleitoral de Pescia. Todavia, sua formação política e militante foi construída também com a frequentação de grupos socialistas e anarquistas na França, onde viveu um tempo com a sua família antes que esta emigrasse para o Brasil³⁴. As ligações com o movimento anarquista se intensificaram após a experiência grega, quando migrou para Milão, no mesmo ano de 1897, e começou a frequentar assiduamente o grupo de Pietro Gori. Alessandro, que era sapateiro, em Milão se torna um ativo propagandista político no meio operário e, na frente das demonstrações de maio de 1897, é alvo da repressão desencadeada naqueles tempos e condenado a três anos de prisão por atividade subversiva: é claro que muitos em

³² ROVAI, David. *Lucchese terra di emigrazione*. Traccia per una storia dell'emigrazione lucchese attraverso i secoli. Lucca: Maria Pacini Fazzi, 1993.

³³ Grande parte da vida de Cerchiai na Itália foi reconstruída através da sua ficha policial: Archivio Centrale dello Stato, Roma (ACSR), Casellario Politico Centrale (CPC), busta 1248 fascicolo 46487. Ver também, para uma biografia geral dele: NERVO, Elvio. Breve biografia di Cerchiai. In: *Quaderni della Libertà*, n.5, São Paulo, 1936, p. 5.

³⁴ Na França assistiu às conferências de Pouget e Paul Lafargue e Jean Jaurès.

Poços pensaram em Alessandro quando participaram da arrecadação para os que foram alvo da repressão por causa dos fatos de Milão. No final de 1900, Cerchiai decide deixar a Itália e se transfere para o Brasil, inicialmente em Poços e logo depois em São Paulo, onde, com alguns parênteses temporais (e, claro, algumas idas e vindas em Poços), passou sua vida, atuando no movimento anarquista até sua morte, nos ambientes de trabalho, mas sobretudo na sua atividade de jornalista em, entre outros, *O Amigo do Povo*, *Germinal*, *La Rivolta*, *La Nuova Gente* e *La Battaglia* e os outros periódicos que deste mesmo grupo surgiram após 1911. Para os companheiros do sul de Minas será sempre o contato referencial em São Paulo³⁵.

Uma formação heterogênea, como vimos, que somente se decidiu para o anarquismo com a experiência da repressão em Milão.

Igualmente com características políticas heterogêneas, foi fundado, no mesmo ano de 1898, um Centro Socialista em Uberaba, constituído também na sua grande maioria por imigrantes italianos: o centro se correspondia com os outros através da rede de *Il Risveglio*, redigido pelo tipógrafo Alfredo Mari e por Luigi Damiani, ambos conhecidos libertários, na época a favor da virada organizacionista e malatestiana do movimento, e, no caso de Mari, muito envolvido na estruturação de ligas sindicais de ofício, o que tornava o jornal um ponto de referência para grupos das mais variadas tendências³⁶.

Alguns anos depois, em 1902, quando do congresso de fundação do Partido Socialista Brasileiro, os socialistas italianos em Minas Gerais contavam com três núcleos: de Muriaé³⁷, de Belo Horizonte (*Circolo Socialista Edmondo De Amicis*) e de Poços de Caldas, os últimos dois muito numerosos³⁸. O de Belo Horizonte, em particular, era considerado “florentíssimo”³⁹ devido aos muitos sócios que tinham migrado para participar da edificação da nova capital, fato que favoreceu

³⁵ BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe*, op. cit.

³⁶ Ver *Il Risveglio*, n.4, 30 jan. 1898.

³⁷ Na época, São Paulo de Muryhaé (na Zona da Mata, próximo de Juiz de Fora).

³⁸ O congresso ocorreu em São Paulo entre 28 de maio a 1 de junho de 1902, com a participação de 30 associações paulistas (das quais 10 eram da capital), 3 de Minas Gerais, 2 de Rio Grande do Sul, 2 da Bahia, 1 para cada um destes estados: Pará, Paraíba, Pernambuco, Paraná, além de uma participação individual em representação do Estado de Sergipe. Ver *Avanti!* de 1902 e “Congresso Socialista Brasileiro”, *O Estado de São Paulo*, 30 maio 1902 e 31 maio 1902. O PSB não sobreviveu como partido brasileiro, praticamente, mais que um ano, mas permaneceu como uma espécie de federação socialista italiana no Brasil (na realidade em São Paulo, Minas e Paraná), embora fosse aberto a socialistas nacionais e de outras nacionalidades.

³⁹ DE AMBRYN, Alceste (compilatore). *Almanacco Socialista pel 1902*. São Paulo: Estab. Graphico Riedel & Lemmi, 1901.

uma concentração excepcional de trabalhadores qualificados, como o eram, na época, os empregados no setor da construção, entre os quais os pedreiros e carpinteiros de origem italiana abundavam. Podemos ter uma idéia aproximada da composição destes dois grupos pelas listas de arrecadação coordenadas pelo jornal *Avanti!* em junho-julho de 1901 em prol da defesa judicial de Angelo Longaretti, o colono que matou o irmão do presidente da república Campos Salles, o fazendeiro Diogo Salles, em cuja propriedade trabalhava⁴⁰. Ainda que os contribuintes destas listas não fossem todos militantes, não erramos em dizer que na sua maioria eram simpatizantes, uma vez que quem recebia o dinheiro eram conhecidos socialistas e que nas listas sempre aparecem os nomes de militantes que reencontramos em muitas outras fontes produzidas por estes grupos políticos. A lista de Belo Horizonte contava com 110 inscritos na subscrição em favor de Longaretti, a de Poços de Caldas, com 69; a de Uberaba com 39, liderada por Francesco Caviola, o mesmo que aparece como divulgador do Centro Socialista e “antigo” correspondente de *Il Risveglio*; na de Poços aparece o nome de Arturo Cerchiai, irmão de Alessandro⁴¹, na de Belo Horizonte já notamos a presença de Donato Donati⁴². A presença destes militantes entre socialismo, anarquismo e republicanismo novamente nos leva a refletir sobre a implementação de manifestações, como esta, que conseguiam reunir a outra Itália dispersa no exterior em torno de causas democráticas que eram o denominador comum dos grupos políticos anti-monarquistas e que sua difusão ia além dos grandes centros (no caso da imigração italiana no Brasil, a cidade de São Paulo), evidenciando justamente a rede migratória e também o quanto ela contribuía para a existência das agremiações políticas e de sua expressão.

Donato Donati, apenas citado, deve ser considerado um dos militantes mais expressivos da estruturação e funcionamento desta rede

⁴⁰ O crime ocorreu em outubro de 1900 na fazenda Nova América de Analândia (Anápolis), na região de Rio Claro. Várias motivações levaram a este ato, mas as apontadas são principalmente ligadas a uma mistura de rebelião aos maus tratos vivenciados na fazenda e de briga entre o filho do fazendeiro e Angelo que o acusavam de ter atentado à honra das irmãs. Vários processos foram realizados entre 1901 e 1902, este último resultou na condenação de Angelo Longaretti a oito anos de prisão. Ver FERREIRA, Christiano Eduardo. *O caso Longaretti: crime, cotidiano e imigração no interior paulista*. Campinas: 2005. Dissertação de Mestrado em História. Unicamp.

⁴¹ Ainda 15 anos depois, Arturo continuava sendo o animador do anarquismo em Poços e nos arredores, juntando em torno dele um grupo de assinantes do jornal libertário *Guerra Sociale*, que era publicado em São Paulo. Ver *A Voz do Trabalhador*. Poços de Caldas, n. 1, 30 jul. 1916. e *Guerra Sociale*. São Paulo, 1915-1917. Ver também BIONDI, Luigi. *La stampa anarchica italiana in Brasile*. Roma: Tesi di Laurea, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1995.

⁴² Ver *Avanti!*, n. 35, 15 jun 1901; n. 36, 22 jun 1901.

política migrante, e também, por ele ser um socialista típico, era uma daquelas figuras que atuavam em agremiações de tipo diferente, tais como os sindicatos, as sociedades étnicas e os grêmios culturais e recreativos, naquela visão clássica de ação integral, do tipo malonista, que já evidenciamos. Donati, artesão independente, foi um dos militantes de destaque, no âmbito brasileiro, do socialismo italiano e atuou tanto no Estado de São Paulo, na capital e em Campinas, assim como em Belo Horizonte, que pode ser considerada a “sua” cidade, pois nela residiu na maior parte de sua vida: na capital mineira foi até 1905 o presidente (*segretario* em italiano) do *Circolo Socialista Edmondo De Amicis*⁴³. Era um expoente de esquerda do partido socialista italiano e por estas suas posições foi um dos principais opositores de Piccarolo, em torno do qual se juntou por diversos anos a corrente moderada do PSI presente em São Paulo, cuja expressão principal podia ser resumida numa diferença em relação ao sindicalismo e uma aproximação tanto com os consulados italianos e as autoridades brasileiras como com parte do empresariado imigrante e nacional⁴⁴. No âmbito das comunidades italianas no exterior nem sempre esta contraposição de correntes levava a um racha dos grupos socialistas, mas no caso brasileiro aconteceu e teve como efeito uma desestruturação temporária da rede socialista coordenada pelos *Centro Socialista Internacional* de São Paulo. Por causa desta crise, em diversos casos, ainda que temporariamente, estes militantes da corrente esquerdista - que eram majoritários dentro de seus grupos, e procuravam construir uma força socialista no Brasil, além das divisões nacionais e calçada nos sindicatos -, foram afastados, tanto da direção das sociedades étnicas, como dos sindicatos, onde começaram a prevalecer os sindicalistas revolucionários. Contudo, a corrente socialista da qual Donati fazia parte, por ser a mais difusa justamente entre os trabalhadores socialistas organizados nas ligas de resistência, não desapareceu e durante a década de 1910 continuou bem presente e atuante em muitas associações de imigrantes e em muitos sindicatos.

Embora o grupo *piccaroliano* fosse muito reduzido, conseguiu obstacular em parte a política dos socialistas italianos ‘sindicalistas’ dentro das sociedades de socorro mútuo. Donato Donati, que justamente por ser da corrente esquerdista, foi quem substituiu Piccarolo na direção do diário *Avanti!* de São Paulo em novembro de 1905, pagou isto com a expulsão do *Circolo Italiani Uniti* de Campinas e

⁴³ *Avanti!*, n. 1587, 08-01-1907.

⁴⁴ Ver BIONDI, Luigi. *Desenraizados e integrados*, op. cit. Sobre Piccarolo ver a biografia de HECKER, Alexandre. *Um Socialismo Possível*. A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

da *Sociedade Italiana de Beneficência de Belo Horizonte* exatamente por causa da influência de Piccarolo, que contava nas duas diretorias com o apoio de vários conselheiros⁴⁵. A perseguição não terminou: em 1906, enquanto continuava na direção do diário socialista de língua italiana (um jornal com uma tiragem de quase 3.000 cópias) foi expulso do *Circolo Socialista "De Amicis"* de Belo Horizonte, onde o presidente, após a ida de Donati para São Paulo, era próximo de Piccarolo e era correspondente de *Il Secolo*, jornal socialista moderado fundado e dirigido pelo próprio Piccarolo⁴⁶. Em 1907, porém, o grupo mais moderado foi derrotado e o novo presidente do "*De Amicis*", Eugenio Guadagnin, era o sucessor aclamado de Donati como principal expoente da corrente de esquerda⁴⁷, sucesso que era confirmado pela cada vez mais ampla difusão do *Avanti!* dirigido por Donati nas diversas comunidades italianas de Minas e sobretudo em Belo Horizonte e Nova Lima⁴⁸.

Esta oscilação no grupo socialista de Belo Horizonte, como vimos o maior em Minas (e também mais numeroso que os grupos anarquistas locais), fato que não aconteceu - a não ser em alguns pequenos centros -, nos grupos do Estado de São Paulo, onde os expulsos ou os que se afastavam dos grupos socialistas eram sempre os componentes da corrente que se referia a Piccarolo, mostra duas coisas; a meu ver, interligadas. De um lado, confirma que a composição do grupo de Belo Horizonte era formada em sua grande maioria por trabalhadores muito qualificados, também com comerciantes e pequenos empresários (o que correspondia à conformação social preponderante da imigração italiana na cidade), e conseqüentemente, por outro lado, mostrava algumas resistências à linha do jornal *Avanti!* e da maioria dos grupos paulistas, fortemente voltados para a organização e movimentação operária acima e além do fator nacional italiano, nas greves, nas ligas de resistência, nos sindicatos, nas cooperativas e naquelas sociedades de socorro mútuo operárias e dos bairros populares de São Paulo, que não se fundavam sobre o princípio nacional, mas na classe (por quanto juntassem fundamentalmente operários qualificados).

O período em que Donati foi diretor do *Avanti!* (1905-1907), foi talvez o mais rico da história deste diário e coincidiu, não por acaso, com a intensificação do processo organizativo dos trabalhadores

⁴⁵ Donato DONATI, Ai galantuomini. *Avanti!*, n. 1587, 8-1-1907, p. 2.

⁴⁶ *Avanti!*, n. 1587, 08-01-1907.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ *Avanti!*, n. 1636, 06-03-1907. O responsável pelas assinaturas nestas duas localidades era Antonio Piancastella.

de São Paulo e do Brasil do sul e sudeste. Foi também o período em que o sindicalismo revolucionário foi se afirmando gradualmente como a principal tendência dentro do movimento operário, pelo menos paulista, mas os muitos militantes socialistas italianos que tinham participado, como lideranças, da estruturação das federações locais de sindicatos não sumiram das direções destes, mas continuaram acompanhando e contribuindo ao crescimento do movimento organizativo, inclusive em Minas, nas cidades onde havia condições semelhantes a São Paulo, como Belo Horizonte, por exemplo.

Foi neste período que ocorreram em São Paulo as greves gerais de 1906 (a partir de uma grande greve ferroviária) e a de 1907, quando se alcançou a conquista temporária das oito horas, fato inédito e excessivamente precoce para o ambiente, mas possível em parte pela particular estrutura (conjuntural, porque foi superada nos anos seguintes) do trabalho urbano paulistano com um setor da construção ainda muito qualificado e poucos grandes estabelecimentos fabris em relação à miríade de pequenas oficinas.

Donati e o *Avanti!* sob sua direção foram protagonistas de uma investida geral contra o empresariado paulista, sobretudo contra o de origem italiana⁴⁹; e o Centro Socialista Internacional (do qual o *Avanti!* era expressão e que coordenava os outros centros socialistas de São Paulo, Minas e Paraná) junto com a FOSP⁵⁰ se tornou o pólo coordenador da greve geral de 1907 e da intensificação organizativa do movimento operário local naqueles anos. Vale a pena lembrar que Donati foi chamado a dirigir o *Avanti!* por estas suas posições integrais⁵¹, uma vez que ele era presente na direção de sociedades italianas de socorro mútuo e associações de certo porte, mas dava ao sindicalismo um papel central dentro da atuação programática socialista e quando deixou a direção foi por motivos pessoais, pois esta tendência não foi derrotada, pelo contrário⁵². Estas posições o acompanharão por toda vida e era claro para ele que a questão da construção do movimento socialista no Brasil devia ser entendida dentro do problema do socialismo étnico, mas com a intenção de superá-lo: entender, isto é, que o processo de “nacionalização” dos trabalhadores imigrados

⁴⁹ Posição que destoava do clima de *appeasement* entre Piccarolo e o empresariado ítalo-paulista. Durante a greve geral de 1907, por exemplo, Donati foi agredido constantemente pela *Camera Italiana di Commercio ed Arti* de São Paulo por causa de seus ataques a Matarazzo. Ver *Avanti!*, n. 1707, 30-05-1907.

⁵⁰ Federação Operária de São Paulo, que juntava quase todos os sindicatos de ofício do Estado, com exceção dos de Santos (organizados pela FOLS).

⁵¹ Estou me referindo novamente ao socialismo integral de Malon.

⁵² *Avanti!*, n. 1885, 26-12-1907.

era lento, mas que, se isso significava a impossibilidade da participação político-partidária, não devia levar à inação, mas a direcionar os esforços na construção do sindicalismo.

Em 1915, uma sua matéria foi publicada no *Avanti!* de São Paulo, enviada de Belo Horizonte, onde tinha voltado a morar há muitos anos. Neste artigo, Donati destacava exatamente o fato que 99 dos 100 filiados ao *Centro Socialista Internazionale* eram ainda italianos e que a criação de um partido socialista brasileiro teria sido possível somente no momento em que os brasileiros tivessem composto a maior parte do partido. Donati aconselhava portanto o *Centro Socialista Internazionale* a abandonar esta ambigüidade de querer representar um partido autóctone que na verdade não existia e deveria enfrentar a situação tal qual era: a maioria dos trabalhadores de São Paulo eram italianos, e portanto o *Centro Socialista Internazionale* poderia ter uma força somente quando ter-se-ia dedicado a organizar os trabalhadores italianos:

não se acredite, fazendo isso, que não se está ajudando o futuro do socialismo no Brasil. No estado de São Paulo os italianos constituem a maioria do proletariado e contribuirão de forma predominante à constituição da mentalidade do futuro povo brasileiro. [...] se, portanto, conseguiremos criar entre os italianos um espírito socialista ou favorável ao socialismo, teremos trabalhado eficazmente ao futuro do socialismo no Brasil.

Por isso considero útil e indispensável que o *Avanti!* [...] deixe de lado agora a questão da cidadania e do eleitorado que não podem dar nenhuma ajuda a nossa causa nas condições atuais do país.

As questões que nos devem preocupar são aquelas que tem a ver com a organização e a luta econômica.

Em suma, o socialismo no Brasil, até que será limitado quase somente aos estrangeiros, deverá colaborar com o sindicalismo apolítico [leia-se, o sindicalismo revolucionário] e quase confundir-se com ele.⁵³

Provavelmente, esta sua posição deve sua construção também à sua experiência mineira, se acreditamos que isto o colocou num ponto de visão em que era necessário entender a realidade brasileira além do círculo “vicioso” étnico-nacional no qual também estava inserido, porque ao mesmo tempo reconhece os limites da atuação político-sindical num contexto multi-étnico (onde, aliás, havia a excepcional concentração dos italianos do Estado de São Paulo, onde constituíam a grande maioria dos trabalhadores urbanos e do campo), mas tem intenção de superar esta limitação, utilizando-se desta mesma preponderância italiana entre a mão-de-obra estrangeira. Quer dizer, se apoiar na comum

⁵³ Donato Donati “Partido Socialista Brasileiro?”, *Avanti!*, 2ª série, n. 48, 27-3-1915, p. 1. Tradução minha.

origem italiana de milhares de trabalhadores, para estimulá-los não a se tornar brasileiros legalmente, mas a se tornar fortemente organizados localmente para a luta de classe, o que os tornaria brasileiros *de facto*.

No período em que Donati publicou sua matéria, os sindicatos começaram a aparecer em Minas também em centros menores, como Poços de Caldas, onde os militantes locais socialistas e anarquistas, aqui também quase todos de origem italiana como vimos, mas já bastante integrados no local, fundaram a *Liga Operária Internacional* em 1916⁵⁴. Na base da organização estava, além dos usuais militantes locais, como Arturo Cerchiai, irmão de Alessandro, um jovem socialista revolucionário italiano, Fosco Pardini, que desde 1914 morava no Brasil, e que se tornará um dos expoentes principais da militância política de origem italiana na região, onde se transferiu em 1916 para gerir um hotel, atividade que ainda desenvolvia na década de 1930⁵⁵. Apesar deste novo trabalho, nada operário, em Poços, Pardini tinha uma experiência de organizador sindical consistente na Itália e em São Paulo: no país de origem fora tesoureiro da Liga de Resistência dos Cozinheiros e Gar-

⁵⁴ Ver *A Voz do Trabalhador*. Poços de Caldas, ano I, n. 1, 30 jul. 1916.

⁵⁵ Fosco Pardini era filiado ao PSI desde os 16 anos. Ele nasceu na província de Massa-Carrara, no norte da Toscana, na própria cidade de Massa, em 1892. Seu pai, Corrado, todavia, emigrou para o Brasil quando Fosco tinha apenas quatro anos, em 1896, vindo diretamente para São Paulo, deixando o filho em Massa: Corrado veio sozinho, não era casado, e Fosco era “filho de mãe desconhecida”. Em 1914, Corrado mandou chamar o filho, assim que este concluiu o serviço militar obrigatório e Fosco chegou em São Paulo em fevereiro de 1914, com sua esposa. Até aquele momento, Fosco não tinha saído de sua região, tendo ido somente até a parte norte da Toscana, onde tinha começado a trabalhar como caixeiro viajante e como garçom. De qualquer forma, Fosco começou a militar no *Partito Socialista Italiano* já com 16 anos, como consta na sua carteirinha, de abril de 1909, do *Circolo Giovanile Socialista Ferdinand Lassalle* da sua cidade, Massa. Depois dessa experiência, ele nunca mais parou de participar de grupos socialistas de sua região, continuando sua filiação ao PSI no âmbito da FIGS (*Federazione Italiana Giovanile Socialista*), entre 1909 e 1911, nos núcleos de Massa, Livorno e Carrara. Em 1909, ele é até correspondente de Livorno e Massa do órgão da FIGS, *L'Avanguardia*. Neste período, a FIGS apoiava decididamente a corrente de esquerda socialista revolucionária dentro do PSI, liderada por Benito Mussolini, corrente que, em 1912, conquistou, no Congresso de Reggio Emilia, a direção do partido. A corrente de Mussolini, também chamada de *intransigente*, mantinha contatos contínuos com os sindicalistas revolucionários, o que levava muitos jovens da FIGS a se aproximar do mundo sindical, mesmo quando não provinham socialmente diretamente de famílias operárias. De fato, a atividade da polícia em relação a Fosco Pardini, quando este chega ao Brasil, concentra-se não somente em sua atividade no *Circolo Socialista Internazionale*, mas na sua ação em prol da organização dos sindicatos operários. Ele se envolveu logo na obra de reconstrução das ligas sindicais nos vinte meses em que esteve na cidade de São Paulo, ainda que a sua primeira prisão tenha sido causada por sua participação no grupo de socialistas que vaiaram, no Teatro Colombo do Brás, em agosto de 1915, a conferência que defendia a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, proferida pelo socialista da corrente moderada de Bissolati, Antonio Piccarolo. ACSR, CPC, busta 3730, fascicolo Fosco Pardini; Arquivo do Estado de São Paulo (AESP), DEOPS, Prontuário n. 130.598.

çons da Câmara do Trabalho de Carrara, cidade do norte da Toscana onde vivia antes de emigrar⁵⁶; em São Paulo desenvolveu um trabalho para levar a Sociedade Aliança (sociedade de socorro mútuo entre garçons e cozinheiros da qual muitos militantes socialistas e republicanos italianos de São Paulo eram sócios), a abandonar o mutualismo, para se tornar uma liga sindical de ofício e ao mesmo tempo para que revertesse o fundo social até aquele momento acumulado para constituir uma cooperativa de produção (a fundação de um restaurante cooperativo)⁵⁷. Por isso, também em Poços, ele dedicou-se à organização do movimento operário local, fundando e tomando parte, como tesoureiro, da *Liga Operária Internacional*, um pequeno sindicato que unia as várias ligas de ofício deste centro sul-mineiro. A liga publicava também um jornal, *A Voz do Trabalhador*, do qual Fosco participou como colaborador e também como responsável pelas assinaturas, que, embora o jornal fosse sobretudo local, vinham também de vários centros paulistas, desde a capital até Ribeirão Preto, função que o punha em contato com o resto do movimento operário e socialista do Estado de São Paulo. Por causa dessa sua atividade de ligação, e sabendo que continuava a ser filiado, ainda que vivesse em Poços, ao *Centro Socialista Internazionale* sediado em São Paulo, a polícia paulista tentou, em vão, envolvê-lo como responsável de comícios e embates durante a greve geral de julho de 1917. Ainda por causa de sua atividade político-sindical em Poços e parcialmente em São Paulo entre 1917 e 1919, as autoridades brasileiras tentaram expulsá-lo, mas nunca chegaram a iniciar o processo, pois ele passou um tempo na clandestinidade.

A militância de Fosco Pardini no PSI acompanhou toda a sua vida, nos anos trinta era sócio do *Circolo Socialista Matteotti* de São Paulo, filiado ao PSI, que neste período, banido da Itália por causa da ditadura fascista, tinha seus grupos espalhados em vários países. Ele continuava morando em Poços, mas ia freqüentemente para São Paulo.

Pudemos ver como ele também representava o tipo de militante orgânico do partido socialista italiano, que vai assumindo cargos de responsabilidade em uma espécie de carreira política interna, nos moldes das práticas de organização difusas também nos outros partidos filiados à Segunda Internacional. Trabalhador com um certo grau de escolaridade; início da militância precocemente na organização juvenil do partido; colaboração em jornais de partido (como jornalista, como

⁵⁶ ACSR, CPC, b. 3730, fasc. Fosco Pardini. A Câmara do Trabalho, *Camera del Lavoro* em italiano, era uma instituição que coordenava, no plano local (municipal ou provincial), a atividade dos vários sindicatos.

⁵⁷ Sociedade Aliança. *Avanti!*, 2ª série, 1914-1915.

redator e como administrador); cargos de responsabilidade ou de propagandista nas ligas operárias; membro diretor de grupos políticos socialistas locais; participação em comícios como orador; e participação nas diretorias de sociedades não-políticas: em Poços, ele funda e é presidente da Associação Atlética Caldense e foi membro da diretoria da SIMS Stella d'Italia, a antiga sociedade italiana cujos sócios eram quase todos antifascistas.

Sua figura é interessante também porque novamente nos coloca frente a um militante socialista que acredita fortemente no sindicalismo, que se forma num ambiente de trabalho caracterizado por uma excepcional concentração de trabalhadores imigrantes que tem a mesma origem nacional (a italiana), mas que, por tramitar depois a um centro e num Estado (Minas) onde esta presença imigrante era menor ou rarefeita, deve se confrontar com as dinâmicas políticas nacionais, externas e independentes das internas àquela que, na época, os observadores, os diplomatas e a classe média imigrada definiam como “a colônia italiana”. Pois Fosco Pardini, na década de 1930, será um dos principais apoiadores em Minas do governo Vargas, no qual ele via a realização de seu ideário socialista: antifascista convicto, reconhecia no projeto de Vargas a implementação de uma política trabalhista nacional que de certa forma os militantes socialistas italianos no Brasil, em particular em São Paulo, tinham sonhado nas décadas anteriores, mas que, por estarem ligados a uma atuação que os vinculava demais a um debate interno à sua, ainda que ampla, comunidade, não tinham conseguido perseguir⁵⁸.

A militância política e sindical dos imigrantes italianos em Minas no período das imigrações de massa, que grosso modo coincide, para o caso brasileiro, com boa parte da Primeira República, teve peculiaridades próprias que a diferenciaram do caso mais conhecido do Estado de São Paulo (onde se fixaram quase 70% dos imigrantes peninsulares)⁵⁹, sobretudo no que se refere com a organização sindical, que, apesar de não ser ausente nas cidades mineiras que contavam com comunidades de imigrantes italianas consistentes, não podia ter o mesmo desenvolvimento que teve em São Paulo, sobretudo na capital, Santos e Campinas, pelas reduzidas dimensões do setor industrial mineiro na época. Muitas semelhanças, porém, ocorreram, também pelo fato de que as ligações das zonas onde estavam os imigrantes italianos em Minas e o núcleo central de São Paulo eram muito fortes; também por causa, inclusive, das redes estabelecidas pelos imigrantes italianos

⁵⁸ Ver ACSR, CPC, b. 3730, fasc. Fosco Pardini e AESP, DEOPS, Prontuário n. 130.598.

⁵⁹ TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*, op. Cit. p. 107.

no Brasil. Quase os mesmos debates e problemas que caracterizaram política e culturalmente as comunidades italianas de São Paulo estavam presentes nas de Minas também.

A conformação social da imigração urbana italiana em Minas, onde prevaleceram trabalhadores urbanos mais especializados, num contexto étnico menos conflituoso, tornou os momentos de representação política destes imigrantes voltados para o estabelecimento de sólidas agremiações étnicas e explicitamente políticas, seguindo as três principais tendências presentes na Itália (e parcialmente no Brasil republicano num plano nacional) – republicanismo social, socialismo e anarquismo –, que se misturavam, claramente, nas sociedades mútuas e de lazer.

Ainda que inseridas plenamente nas complexas e multifacetadas redes de organizações e associações de imigrantes italianos, seja nas exclusivamente étnico-nacionais, seja nas internacionalistas e cosmopolitas (mas com a preponderância de membros originários da Itália), as de Minas apresentaram uma propensão maior ao diálogo e a abertura com a sociedade local, num processo que ao mesmo tempo reforçava a construção identitária italiana no exterior e a formação de uma própria e específica identidade brasileira, numa perspectiva transnacional.